TL 295-48

II Jornadas de Timor da UP

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

ACTUAL CONTEXTO REGIONAL E INTERNACIONAL E PERSPECTIVAS DE ACÇÃO: - TIMOR-LESTE, TERRA DE ESPERANÇA

Deputado António de Sousa Lara
Presidente da Comissão Eventual da Assembleia da República para Acompanhamento da Situação de Timor-Leste

- Magnífico Reitor da Universidade do Porto
- Exmo Senhor General Ramalho Eanes, Conselheiro de Estado
- Senhor Ministro Plenipotenciário, Dr. Quartim Santos
- Senhor Professor Barbedo de Magalhães
- Dignas autoridades e representantes de movimentos timorenses aqui presentes
- Minhas senhoras e meus senhores

Mais uma vez me é concedida a oportunidade de falar nestas II Jornadas sobre Timor, organizadas pela Universidade do Porto.

Quero dizer, antes de mais, que considero se trata de um exito notável, pelo que, todos, nos devemos congratular, felicitando vivamente a organização, pelos excelentes resultados conseguidos.

Li e ouvi com o maior interesse e proveito, as valiosas comunicações apresentadas que creio ficam a constituir um "dossier" muito valioso e de grande actualidade sobre este assunto.

Sei que é intenção da Universidade do Porto, promover a publicação das "actas" destas segundas jornadas, à semelhança do que se já fez nas primeiras.

Será de redobrada utilidade, a edição, ao incluir, no final de cada comunicação, um pequeno sumário em inglés ou francês, possibilitando, assim, a sua maior divulgação no estrangeiro. Mais do que um arquivo de boas posições, importa transformar estas "actas" numa verdadeira arma de arremesso.

É evidente, e é justo, que se considere a questão de Timor como um problema dos políticos. Na verdade foram políticos, cívis e militares, que o desencadearam e, além do mais, cabe-lhes, pela natureza das suas funções, o desempenho de tais responsabilidades em primeiro lugar.

Mas os dramas inerentes à tão clamorosa situação em que o povo de Timor se encontra e que nunca é muito publicitar, dizem respeito a toda a Humanidade.

Chegam-nos notícias fidedignas de presos políticos, sequestrados, torturados, mutilados e mesmo mortos na idade de quinze e dezasseis anos, de sacerdotes presos e vilipendiados quotidianamente, de esterilizações compulsivas de jovens mauberes, de deslocações forçadas de populações, de fome deliberadamente provocada, de migrações forçadas, de violações permanentes do correio, de um rosário infindo de brutal desrespeito pelos direitos humanos mais elementares e evidentes.

Serão estes assuntos da exclusiva competência dos políticos ou deverá, também, a sociedade cívil, (as sociedades cívis, melhor dizendo), revoltar-se de motu proprio?

E se se trata, como penso, de um dever de todos, interrogo-me:

Onde estão os boicotes à Indonésia, por exemplo?

Onde estão os sindicatos operários a formarem uma cadeia internacional de solidariedade contra tal ditadura ignóbil; onde estão as universidades e as demais escolas a juntarem a sua voz à corajosa e louvável iniciativa da Universidade do Porto, promovendo concertadamente uma cadeia de debates e de colóquios sobre a situação de Timor, mostrando a sua identidade política, cultural, histórica e religiosa; onde está a comunicação de massas, nacional para começar, mas internacional sem dúvida também, utilizando o seu poderosíssimo quarto poder, a agitar, sistematicamente as consciências incautas, adormecidas e ignorantes ou a assustar as conivências cumplices mostrando a crueza da verdade do genocídio em curso; onde estão as Igrejas, revestidas da sua autoridade, as confissões religiosas cristãs que acabam de festejar a independência da Namíbia, a apoiar o clero heróico de Timor; onde estão os paises do Leste europeu que celebram com alegria a liberdade - a Polónia, Santo Deus, ao menos ela, tantas vezes vítima de perseguições e genocídios e afinal sempre vitoriosa porque firme e intransigente no seu combate; onde estão os Estados Unidos da América, nossos amigos, campeões da democracia e da liberdade, defensores dos direitos humanos, onde estão neste calvário?

Não nos digam que soceguemos e que abrandemos o grito de revolta de quem quase não tem voz.

Os que querem tolerância peçam-na aos timorenses que vão morrer, os que querem paciência aos que vão ser torturados.

Não há ditaduras eternas. A de Suharto vai acabar um dia.

A fábula do leão moribundo há-de repetir-se, uma vez mais.

Mas neste momento importam-nos as pessoas concretas que hoje sofrem, pessoas todas diferentes e que se não repetem mais.

Nós podemos fazer, sempre, qualquer coisa mais, e juntos poderemos fazer muito. Basta começar por dizer com convicção: "eu quero".

Magnífico Reitor, minhas senhoras e meus senhores:

Quero acabar como comecei, há dias, com palavras de gratidão e de esperança.

À Universidade do Porto direi, gratíssimo: obrigado, parabens e continuem.

E a todos nós, que aprendemos agora mais qualquer coisa, a fraternidade de um abraço empenhado na luta, pois é de um combate que se trata, a saudação sempre próxima a quem longe, mesmo, se irmana num ideal que é comum.

Bem hajam todos.